

A mudança da modalidade em perspectiva construcional: uma reanálise para “pode ser”

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3351>

Cibele Naidhig de Souza¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar mudanças da construção modal *pode ser*, em textos da língua portuguesa provenientes dos séculos XII a XX. Para tanto, propõe-se um exercício de análise em que se integram mapas de conectividade semântica da modalidade, entendidos como ferramentas para a descrição sincrônica e diacrônica, e uma abordagem da gramática de construções. Analisam-se diferentes propostas descritivas para o campo conceitual da modalidade e se postula que o modelo de Narrog (2012), que cruza orientação de modalidade e volitividade, é compatível com os desenvolvimentos hipotetizados para *pode ser* em direção à intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010). Defende-se a compatibilidade entre esses encaminhamentos e a proposta de mudanças construcionais de Traugott e Trousdale (2021).

Palavras-chave: mapeamento semântico; modalidade; gramática de construções; *poder*.

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil; cibelenasouza@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-2363-3551>

Modal change in a constructional approach: a reanalysis of “pode ser”

Abstract

In this paper, we intend to study the integration between semantic maps modality, understood as tools for synchronic and diachronic description, and an approach to the grammar of constructions. An analysis exercise is proposed for a Portuguese modal construction, *pode ser*. The research examines Portuguese texts from the 12th and 20th centuries. Different modal semantic connectivity maps are analyzed, and it is postulated that the model of Narrog (2012) is compatible with the hypothesized developments towards intersubjectivity (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010). The compatibility between these approaches and the proposal for constructional change by Traugott and Trousdale (2021) is then examined.

Keywords: semantic maps; modality; construction grammar; *poder*.

Introdução

Mapeamentos semânticos para a modalidade, tais como, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Auwera e Plungian (1998), Hengeveld (2004, 2017) e Narrog (2012), são entendidos como importantes ferramentas para avaliar o sistema modal de uma língua e como acontecem as mudanças na área. Nesses trabalhos, caracterizam-se significados pertencentes ao campo da modalidade e sugerem-se trajetórias de mudança, em princípio, válidas para diferentes línguas. Domínios sempre reconhecidos são epistêmico (relativo a crenças e a conjecturas), deontico (relativo àquilo que é permitido/obrigatório) e habilitativo/facultativo (relativo a capacidades/habilidades de um participante). A principal hipótese de mudança indica que os significados mais abstratos se desenvolvem dos mais concretos, quando há polissemia, o que significa que os valores epistêmicos, conjecturas do falante, são posteriores aos não epistêmicos. Essas alterações são, frequentemente, examinadas como gramaticalização (SWEETSER, 1990; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2006; ZIEGLER, 2011; HATTNER; HENGEVELD, 2016; entre outros).

Há trabalhos que analisam a abordagem construcional para estudo da modalidade. Nesses estudos, entre outras considerações, indicam-se pontos a serem debatidos, tais como, a compatibilidade entre a gramática de construções e a indeterminação de expressões modais (WÄRNSBY, 2016), e a adequação dessa perspectiva para a compreensão de auxiliares modais e para tratamento de expressões modais (HILPERT, 2016). Traugott (2016) discute a aplicabilidade de mapeamentos semânticos da modalidade em uma perspectiva construcional, defendendo que essa integração é útil para o trabalho com mudanças construcionais, pois permite capturar as relações polissêmicas entre as construções.

O objetivo deste estudo é investigar os trajetos de mudança de uma construção modal, na língua portuguesa, buscando-se, com apoio em Traugott (2016), integrar mapeamentos semânticos da modalidade e tratamento construcional da gramática. Nesse exame, elege-se uma expressão de modalidade bastante produtiva no português contemporâneo: a perífrase impessoal *pode ser*. Para isso, revisita-se o estudo de Carrascossi (2011) sobre *pode ser* e se apresenta uma análise na abordagem da gramática de construções.

Carrascossi (*op. cit.*) demonstra que *pode ser* é uma fórmula fixa, rotinizada como expressão de modalidade, com atuação ligada ao discurso, em usos (inter)subjativos (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010). Dois contextos sintáticos da construção impessoal *pode ser* foram examinados: a) predicado encaixador de proposição, forma consolidada de avaliação epistêmica, como em (1); b) construção independente, um ato de fala completo, com significado epistêmico ou deôntico, como em (2)-(4).

1.
 - a. (...) *pro exterior **pode ser** que eu não tenha tido ainda condição financeira de ir para fora* (NURC/RJ, D2, 158)².
 - b. *A constante pressão do marketing da indústria farmacêutica aliada à falta de informações e conscientização sobre o problema da resistência bacteriana por parte da classe médica já estão levando a um uso abusivo da gentamicina com o consequente aparecimento de patógenos a ela resistentes. Isto pode levar a uma modificação do quadro e **pode ser** que tenhamos que utilizar, em primeira escolha, os novos aminoglicosídeos.* (ANT-T)
 - c. *L2 - tudo::gira em função do::do vil metal né? tudo::profissão o que for você procurará sempre...fazer algo que você ganhará mais...entende? hoje você está trabalhando como vendedor...amanhã te oferecem algo melhor você vai abandonar não terá não haverá dúvida CRELO...está... existem preceitos morais aquela coisa isso e aquilo você **pode ser** que se prenda mais mas eu creio que...a maioria...mesmo os que dizem que não visam a maioria visa...remuneração... (NURC/ SP D2 62)*
2.
 - a. *Falavam o diabo do Ezequiel e tudo o que eu via na minha frente era um pobre coitado. [...] Sei lá se ele estuprou um monte de mulheres, **pode ser**. As pessoas dizem isso.* (OMT)
 - b. *Você está querendo provar que Deus é justo. / O estrangeiro pensou um pouco. / – **Pode ser**.* (DSP)
3.
 - a. *W: Que tal tomarmos alguma coisa, doutor? Uma cerveja, uma batida? Meu colega oferece! P: Eu? O: **Pode ser**... Pá animar!* (PED-D)
 - b. *– Tem anil? / – É botequim, limitou-se a responder o proprietário, palitando a boca. / – Então me dê uma cachaça, acrescentei como náufrago. O mulato apanhou a garrafa, estendeu-se um copo embaçado: / – Dupla? / – **Pode ser**.* (BH)

2 As ocorrências são retiradas de Carrascossi (2011) que se serviu do banco de dados do Laboratório de Lexicografia (Lablex) da UNESP, Araraquara, e do NURC. As abreviaturas apresentadas após os exemplos indicam o nome da obra, tal como dado pelo Lablex, ou as informações do inquérito do NURC.

4. – Não... *Aqui não. Podemos ir para a sua sala, seu Luiz?... – Como quiser... – Mas eu faço questão que o Rangel também venha. **Pode ser?...** – Claro que pode* (ORM-R)

Nas ocorrências em (1), *pode ser* atua como predicado encaixador de proposição, introduz um conteúdo proposicional, em uma estrutura completiva. O enunciador avalia o conteúdo como incerto, como algo que é possível, não se compromete com a verdade do que é dito, registrando, assim, baixo grau de adesão, descomprometimento. *Pode ser* imprime diferentes graus de subjetividade (TRAUGOTT, 2010). A avaliação do enunciador como algo possível pode ser um pensamento particular dele, uma conjectura, uma suposição, algo que ele crê que seja possível, como em (1a), ou pode, ainda, ser algo que o falante avalia como possível, com base em uma fonte externa a ele, algo que é *sabido ser* possível, como em (1b). A expressão *pode*, ainda, estar a serviço de uma estratégia pragmática, como em (1c), em que faz parte do gerenciamento de pontos de vista divergentes no discurso.

Pode ser ocorre, ainda, como uma oração simples, como nos enunciados apresentados em (2)-(4). Em (2a), expressa crença do falante, atua como um parentético epistêmico³. Já em (2b), *é um ato de fala independente, a modalidade* recai sobre a fala do interlocutor, admitindo seu conteúdo como possível. Por sua vez, em (3) e (4), *pode ser* é utilizado em uma situação de (pedido de) consentimento, de permissão, de tal maneira que existe uma fonte deontica que autoriza ou não uma ação. A baixa adesão do enunciador, registrada por *pode ser* em usos como (1)-(2), está presente também nos contextos de permissão consentida (ocorrências em 3). Enunciados como (4) apresentam *pode ser* em uma *tag question*⁴, um *hedge*, por meio do qual o falante altera a força ilocucionária do ato de fala anterior, tornando o pedido ou a proposta (nos casos em 4) mais polido. Esses usos são analisados como mais intersubjetivos, porque marcam a preocupação do enunciador com a recepção de seu enunciado pelo interlocutor. Nessas ocorrências, o ato de fala do enunciador é sentido por ele como, de alguma forma, ameaçador da face do interlocutor. *Pode ser* é utilizado, então, como um recurso pragmático para diminuir a força desse ato de fala, em que a modalidade compõe uma estratégia de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987).

Com base na proposta da (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010) e em estudos que indicam que construções complexas podem passar a atuar como orações simples (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2007; entre outros), Carrascossi (2011) sugere

3 Os parênteses são entendidos como expressões independentes “que interrompem a relação sintática da frase na qual estão encaixadas e não apresentam em relação a ela uma conexão formal nitidamente estabelecida” (JUBRAN, 2006, p. 301).

4 *Tag questions* são indagações pospostas que funcionam como meios de atenuação, diluindo a força ilocutória das asserções que as precedem, abrandando o caráter impositivo ou negativo que pode advir dessas asserções (BROWN; LEVINSON, 1987).

que haja um processo de (inter)subjetivização em *pode ser*. Como predicado encaixador de proposição, expressa crenças, conjecturas do enunciador; como construção independente, modaliza o ato de fala do interlocutor, registrando consentimento, em termos de conhecimento (epistêmico), em termos de conduta (deôntico), ou atuando como um modificador ilocucionário, uma *tag question* que sinaliza atenção com o interlocutor, em estratégia de polidez. O esquema em (5) sintetiza os usos de *pode ser*, e apresenta uma hipótese de desenvolvimento.

5.	Predicado encaixador de proposição (valor epistêmico)	Oração independente (valor epistêmico)	Oração independente (valor deôntico)	Oração independente/ <i>tag question</i> (deôntico)
	<i>pode ser que eu não tenha tido ainda condição</i>	<i>Sei lá se ele estuprou um monte de mulheres, pode ser.</i>	<i>– Dupla? – Pode ser.</i>	<i>Querida que você me pagasse um Martini, pode ser?</i>

Neste artigo, busca-se comprovação, em textos históricos, para os encaminhamentos hipotetizados para *pode ser*. Conforme observado, o exame se fará com apoio em bases construcionais integradas a mapeamentos semânticos da modalidade.

Em relação à organização, além desta introdução, o texto está dividido em mais quatro seções. Na seção seguinte, apresentam-se propostas de mapeamentos semânticos para a modalidade e se avalia sua adequação ao estudo de *pode ser*. Na terceira seção, discutem-se pressupostos teóricos de uma abordagem construcional, com atenção a possibilidades de integração entre essa perspectiva teórica e mapeamentos semânticos, para estudo da modalidade. A quarta seção apresenta análise para *pode ser* na abordagem construcional, integrada a um mapeamento semântico, oferecendo-se dados históricos que apoiam o desenvolvimento proposto para *pode ser*. Por último, encerram o artigo as considerações finais.

Campos semânticos modais

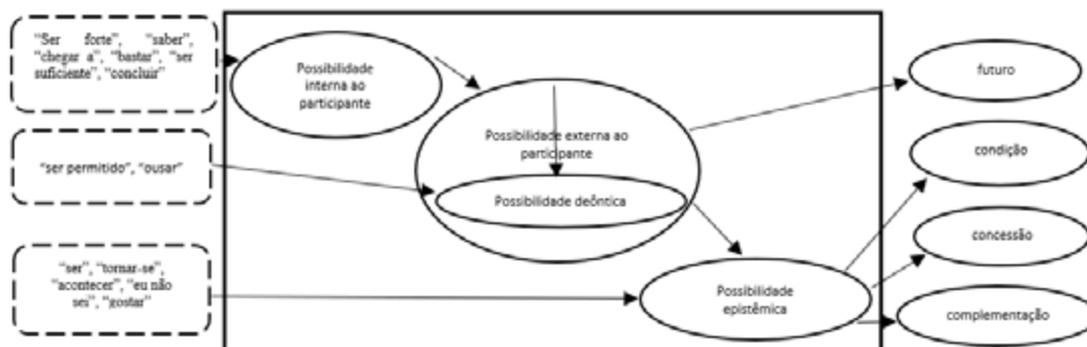
Para examinar a adequação de mapas modais de conectividade semântica em uma abordagem construcional, com foco no exame da construção *pode ser*, nesta seção, discutem-se as contribuições de Auwera e Plungian (1998), Hengeveld (2004, 2017) e Narrog (2012). Nem todas essas propostas podem ser caracterizadas como mapeamentos, porque nem todas preveem pontos de referência no campo modal, mas todas hipotetizam encaminhamentos no espaço conceitual da modalidade, o que justifica sua consideração neste estudo.

Como já notado, há, nos trabalhos sobre a mudança dos itens modais, forte tendência a considerar que as alterações acontecem de domínios mais concretos para os mais

abstratos, o que significa assumir-se a alteração de valores não epistêmicos para os epistêmicos. Auwera e Plungian (1988) e Hengeveld (2004, 2017) seguem essa orientação.

Auwer e Plungian (1998) se apoiam na proposta de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e a ampliam. O mapeamento de Auwera e Plungian (1998) prevê conceitos pré-modais e pós-modais. As distinções modais assumidas pelos autores pautam-se pela expressão da *possibilidade* e da *necessidade* em quatro domínios (modalidade interna ao participante; modalidade externa ao participante; deôntico; epistêmico). Importa ao estudo de caso deste artigo o mapeamento no campo da possibilidade. A figura seguinte é o mapeamento apresentado por Auwera e Plungian (1998), traduzido para o português.

Figura 1. Trajetos no campo da possibilidade



Fonte: Auwera e Plungian (1998, p. 94; p. 98)

O campo modal é o disposto no retângulo maior. Os retângulos vazados indicam possíveis significados de origem para os modais. As formas ovais fora do retângulo maior representam possibilidades de desenvolvimento pós-modal. A figura tem dimensão diacrônica, as flechas indicam a direção da mudança semântica, dentro e fora do campo conceitual da modalidade. Note-se, ainda, que, quando houver multiplicidade semântica de uma forma de expressão modal, o valor epistêmico será, por hipótese, posterior aos demais.

A proposta de Hengeveld (2004), por sua vez, foi posteriormente relacionada ao modelo funcionalista de níveis e camadas de organização da Gramática Discursivo Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), e refinada em relação às distinções modais. Um trabalho que sintetiza essas alterações mais recentes e explica a mudança com especial atenção a verbos modais portugueses é Hattner e Hengeveld (2016).

A consideração dos tipos modais, em Hengeveld, parte do cruzamento do alvo (orientação de modalidade) com o domínio de modalidade (facultativo, deôntico, epistêmico objetivo ou subjetivo). Em relação ao alvo, as modalidades podem ser orientadas: (i) *para o*

participante – diz respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a potencial realização desse evento; (ii) *para o evento* – diz respeito à avaliação objetiva do estatuto de atualidade do evento; (iii) *para o episódio* – diz respeito a uma avaliação em termos de (im)possibilidade de ocorrência de uma situação, em vista daquilo que é conhecido sobre o mundo; (iv) *para a proposição* – diz respeito à especificação do grau de comprometimento do falante em relação à proposição que ele está apresentando. Consideram-se, no domínio da avaliação modal, os valores *facultativo* (referente à capacidade intrínseca ou adquirida); *deôntico* (referente àquilo que é permissível – legalmente, socialmente, moralmente); *epistêmico* (referente àquilo que se conhece sobre o mundo atual, a uma crença, a uma conjectura). As possibilidades combinatórias são apresentadas no quadro seguinte:

Quadro 1. Distinções modais de Hengeveld

	Orientada para o falante	Orientada para o evento	Orientada para o episódio	Orientada para a proposição
Facultativa	X	X		
Deôntica	X	X		
Epistêmica objetiva			X	
Epistêmica subjetiva				X

Fonte: Elaboração com base em Hattner e Hengeveld (2016)

As diferentes orientações de modalidade (na primeira linha do quadro) estão, em Hengeveld e Mackenzie (2008), ligadas a camadas do Nível Representacional da GDF, o que permite, segundo Hengeveld (2017), avaliar graus distintos de gramaticalidade dos elementos modais. A hipótese para o desenvolvimento gramatical, no campo modal, em conformidade com Hengeveld e Hattner (2016) e Hengeveld (2017), é: *orientada para o falante* > *orientada para o evento* > *orientada para o episódio* > *orientada para a proposição*.

Esse percurso é compatível com previsões de encaminhamentos de gramaticalização da modalidade formulados por outros pesquisadores (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; TRAUGOTT; DASHER, 2002, entre outros). A mudança se daria de uma dimensão mais concreta, mais descritiva (orientada para o participante) para uma mais abstrata, mais avaliativa (orientada para a proposição), com aumento de escopo (de “dentro” para “fora” do predicado), e de subjetividade (significados cada vez mais ligados à expressão de estados de crença e opiniões do falante).

A previsão de mudança da modalidade, segundo Hengeveld, não se dá entre domínios modais (facultativo, deôntico, epistêmico), mas entre orientações modais (para o participante, para o evento, para o episódio, para a proposição). Entretanto, dados os

domínios a que se relacionam cada um dos alvos, como se observa no quadro 1, os valores epistêmicos são entendidos como posteriores aos deônticos.

A alteração em direção a aumento de escopo é também assumida por Narrog (2012), sendo esse parâmetro, para o estudioso, mais importante do que a mudança baseada entre domínios modais (não epistêmico-epistêmico). O autor propõe tratar a modalidade a partir do cruzamento de dois parâmetros que se realizam de modo gradual: a volitividade e a orientação da modalidade (para o evento, para o falante e para o ato de fala).

A volitividade envolve a presença ou a ausência de um “elemento de vontade”. Nos enunciados em que há o traço [+] volitivo, há uma força que tem interesse na realização do evento (como nos valores modais *deôntico* e *volitivo*), enquanto nos enunciados com o traço [-] volitivo, não se identifica o desejo, a vontade de que o evento se realize (como nos valores *epistêmico*, *evidencial*, *facultativo*).

A segunda dimensão considerada por Narrog (2012), a orientação da modalidade, tem aproximação com a (inter)subjetivização, nos termos de Traugott e Dasher (2002): os significados, em seu desenvolvimento, se ligam, cada vez mais, à expressão de crenças e opiniões do falante e podem se alterar para marcar a atenção com o ouvinte. A fim de melhor compreender as orientações de Narrog, importa observar as correlações de direcionalidade na mudança semântica em Traugott e Dasher (2002), sintetizados no quadro seguinte.

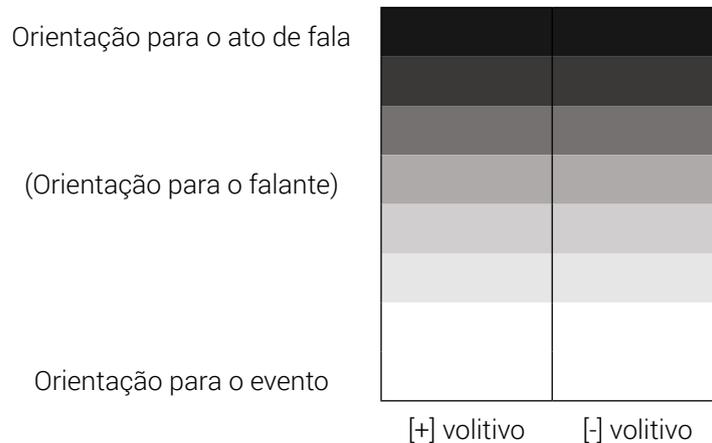
Quadro 2. Trajetos de direcionalidade na mudança semântica

verdade condicional		>		verdade não condicional
representacional	>	representacional/processual	>	processual
escopo dentro da proposição	>	escopo sobre a proposição	>	escopo sobre o discurso
não subjetivo	>	subjetivo	>	intersubjetivo

Fonte: Traugott e Dasher (2002, p. 40)

Narrog (2012) propõe que é na integração das duas dimensões ([±] volitivo e orientação), em alguma área em que elas se combinam, que as modalidades podem ser localizadas. Assim, haveria um eixo horizontal, em que estariam dispostos os valores modais com e sem volitividade, e um eixo vertical, em que, igualmente, se disporem valores com diferentes orientações. A figura 2, adaptada de Narrog (2012, p. 56), ilustra.

Figura 2. Campo modal, segundo Narrog



Fonte: Adaptação de Narrog (2012, p. 56)

Em relação à mudança linguística, no campo modal, quando envolve categorias gramaticais do verbo, em geral, hipotetiza Narrog (2012), a alteração vai de categorias com escopo mais estreito, ou seja, categorias relativamente mais baixas na hierarquia das categorias gramaticais, para categorias com o mesmo escopo, ou escopo mais amplo, sendo essa alteração mais importante do que a mudança entre domínios modais: “a hipótese é que a mudança de significado será sempre de ‘dentro’ para ‘fora’ da sentença, de escopo mais restrito para mais amplo, de significado orientado para o evento em direção a significado orientado para o ato de fala” (NARROG, 2012, p. 110, tradução nossa)⁵.

Narrog (2012) considera que a mudança no campo modal se guia pela orientação (evento > falante > ato de fala) e nisso se aproxima de Hengeveld (2017). Porém, embora ambos os estudiosos indiquem tendência de alterações em direção à expressão de conjecturas do falante, as orientações assumidas em cada estudo não correspondem. Ao prever a mudança em direção ao ato de fala, a postulação de Narrog (2012) vai ao encontro de Sweetser (1990), mas dela difere ao não assumir um trajeto definido entre domínios modais epistêmicos e não epistêmicos.

Sweetser (1990), baseada na análise de Talmy (1988), sobre forças e barreiras, e no entendimento de que compartilhamos conjuntos de experiências comuns nesses domínios, defende que há, no campo modal, extensão metafórica do domínio sociofísico (valores facultativos, deônticos) para o domínio das ideias, das premissas (epistêmico). Sugere a autora, ainda, que o mapeamento metafórico pode alcançar o domínio dos atos de fala, que apontam para a atuação da modalidade no mundo conversacional. Um dos

⁵ No original: “[...] the hypothesis was advanced that meaning change will always proceed from ‘inside’ to ‘outside’ the sentence, from narrow scope to wide scope, and from event-oriented meaning to speech act-oriented meaning”.

exemplos de Sweetser (1990, p. 70) é *He may be a university professor, but he sure is dumb* (Ele pode ser um professor universitário, mas certamente é estúpido – tradução nossa). De acordo com a autora, esse enunciado pressupõe a verdade do primeiro segmento (ele é um professor universitário), assumido como uma admissão do enunciador situada no domínio discursivo. A frase pode ser entendida em termos de “no nosso mundo conversacional, eu admito que ele seja professor universitário, apesar disso, eu insisto que ele é ignorante”. Esses casos estariam ligados ao domínio conversacional, ao gerenciamento das interações entre os falantes. Os encaminhamentos da mudança, segundo Sweetser (1990), podem ser esquematizados como em:

6. mundo sociofísico > mundo das premissas > mundo conversacional
significados não epistêmicos > significados epistêmicos > significados de “ato de fala”

A proposta de Sweetser (1990) representa uma direção de pesquisa interessante, porém prevê direcionalidade de domínio não epistêmico para epistêmico, diferentemente de Narrog (2012), para quem a mudança semântica não é prevista como unidirecional, em nenhum dos eixos, mas acontece em espiral. Isso significa que qualquer valor modal (epistêmico ou não epistêmico) pode se ligar em diferentes espaços no campo conceitual e, por isso, a proposta de Narrog (2021) parece mais adequada para *pode ser*, conforme será demonstrado na seção de análise.

Abordagem construcional

O exercício de análise apresentado neste estudo apoia-se em pressupostos da teoria baseada no uso, especificamente na gramática de construções diacrônica de Traugott e Trousdale (2021).

Nessa orientação teórica, a língua é compreendida como sistema adaptativo complexo, que apresenta, ao mesmo tempo, estrutura, variância e gradiência, e tem a sua estrutura moldada pelas demandas socio-cognitivas, interativas ligadas ao uso (BYBEE, 2016). A língua se liga a outros sistemas cognitivos e é uma rede com relações de herança. A unidade de análise é a construção, conjunto simbólico e convencional de forma significado/função, ligada a outras construções, constituindo uma rede hierárquica.

Apoiados em Croft (2001), Traugott e Trousdale (2021) representam a construção como em (7). A dimensão formal inclui aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos, enquanto a dimensão do significado envolve fatores discursivos, pragmáticos e semânticos, e estão esses polos conectados por uma correspondência simbólica.

7. [FORMA] ↔ [SIGNIFICADO]

A construção e sua relação em rede representam o conhecimento linguístico dos falantes da língua. É na interação entre falantes da língua, no uso, que os esquemas são memorizados, rotinizados, em padrões. A mudança linguística é “localizada, portanto, na interação do falante e [...] negociada entre falantes no curso da interação” (MILROY, 1992, p. 36 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 56).

Traugott e Trousdale (2021) assumem que as alterações linguísticas podem envolver apenas uma dimensão da construção (forma ou sentido/função), o que identificaria a *mudança construcional*, ou podem envolver ambas as dimensões (forma e sentido/função) dando surgimento a um novo pareamento de forma/função, um novo nó na rede construcional, o que caracterizaria a *construcionalização*. Três fatores, gradientes e interrelacionados, são relevantes para a caracterização das construções e para estudo da mudança: a *composicionalidade*, a *produtividade* e a *esquematicidade*.

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência entre forma e significado, tanto em nível sintático, como semântico. Sintaticamente, é mais composicional a construção que mantém integridade morfossintática das subpartes. Semanticamente, a construção é considerada mais composicional se a relação entre a semântica das subpartes e o significado do todo se preserva. Essas relações são compreendidas em termos gradientes e, em processos de mudança gramatical, há tendência à diminuição de composicionalidade.

A produtividade relaciona-se à extensibilidade e à regularidade das construções, envolve o grau em que os esquemas sancionam/abrigam outras construções menos esquemáticas e em que tais esquemas são restringidos. A frequência de uso, que pode ser examinada como *type* (um padrão particular) ou *token* (ocorrências, construtos) (BYBEE, 2003), permite observar a produtividade, que tende a se ampliar, em termos diacrônicos.

A esquematicidade, fortemente ligada à produtividade, diz respeito a propriedades de categorização que formam os esquemas da língua, entendidos como padrões de experiência rotinizados, inconscientemente percebidos pelos usuários da língua. Traugott e Trousdale (2021) propõem as seguintes dimensões, hierarquicamente organizadas, em termos de menor para maior especificidade: esquemas, subesquemas, microconstruções (conjuntos mais específicos com comportamento similar) e construtos (aquilo que os falantes produzem e os ouvintes processam).

A mudança linguística, segundo Traugott e Trousdale (2021), pode ser observada por meio de micropassos de mudança observadas no nível do construto, instância de uso da língua. Inicia-se quando uma inovação surge e se convencionaliza pelo uso. Se algum traço da forma ou do significado é alterado, acontece uma nova interpretação da construção, a esse processo Traugott e Trousdale (2021) denominam *neanálise*. Por meio da *analogização*, segundo mecanismo de mudança considerado pelos autores, acontece o recrutamento da construção para um subesquema.

A integração de mapeamentos semânticos da modalidade em uma perspectiva construcional pode ser realizada se esquemas e subesquemas, generalizações linguísticas do conhecimento do falante, forem ambos considerados e de modo relacionado, postula Traugott (2016). As conectividades semânticas modais podem ser repensadas como de dois tipos: mapeamentos no esquema da construção (formas não específicas) e mapeamentos de microconstruções. Mapas de conectividade semântica precisam ser reconceitualizados como modelos das relações entre microconstruções que são entrada e saída das mudanças em significado e forma (TRAUGOTT, 2016).

A autora defende que os mapeamentos semânticos da modalidade devem ser reinterpretados como parte do conhecimento linguístico do falante, ligado este a espaços conceituais. Cita-se Croft (2001), para quem os mapeamentos semânticos capturam generalizações linguísticas considerando conectividades que podem ser compreendidas como “espaços conceituais”. O termo mapeamento semântico seria restrito a categorias específicas das línguas mapeadas em regiões desse espaço (CROFT, 2001 *apud* TRAUGOTT, 2016). O conhecimento linguístico do falante inclui espaços conceituais que podem ser compreendidos como “uma representação estruturada de funções estruturadas e suas relações entre si” (CROFT, 2001, p. 93 *apud* TRAUGOTT, 2016, p. 100, tradução nossa)⁶. Esses espaços não são apenas semânticos, mas são também pragmáticos e discursivo-funcionais, possuindo regiões como partes do discurso, tempo, aspecto e modalidade.

Traugott (2016) propõe que mapeamentos semânticos específicos sejam reconceitualizados como modelos das relações entre microconstruções, ligadas a um nível macroconstrucional que reflete espaços conceituais. Desse modo, a conectividade das mudanças fica combinada com proximidade em termos de forma e de sentido, e se torna possível, ainda, relacionar, na rede, construções de diferentes espaços conceituais. A estudiosa analisa construções modais com *better*, *rather* e *sooner*, na língua inglesa, demonstrando que mapas de conectividade semântica podem ser úteis em um modelo construcional da mudança.

Estudo de caso: pode ser

Métodos

Apresenta-se análise qualitativa de dados da língua portuguesa provenientes de diferentes sincronias. Utilizam-se ocorrências coletadas em Carrascossi (2011) que foram retiradas do banco de língua escrita do Laboratório de Lexicografia (Lablex) da UNESP, FCL, Araraquara e de dados falados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). O Lablex reúne 200 milhões de ocorrências em textos escritos diversificados (oratório,

⁶ No original: “a structured representation of functional structures and their relationships to each other”.

jornalístico, dramático; romanesco, técnico) produzidos entre 1950 e 2000, no Brasil. Do NURC examinaram-se 60 inquéritos distribuídos igualmente entre as capitais (Salvador, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) e pelos três tipos de interação considerados (diálogo entre informante e documentador, diálogo entre dois informantes e elocuições formais) controlados pelo projeto.

O estudo serve-se, ainda, de textos históricos da língua portuguesa do *Corpus do Português*, doravante CP. O conjunto “gênero/histórico” do CP é constituído por 45 milhões de palavras entre os séculos XIII a XX. As ocorrências foram localizadas pela ferramenta de busca [poder] [ser], no ambiente *público em que o corpus* pode ser acessado (<https://www.corpusdoportugues.org>). Por meio dessa fórmula, o sistema oferece todas as sequências dos dois verbos, em todas as flexões. Examinaram-se, nos textos dos séculos XIII a XX, as ocorrências de *pode ser* impessoal.

Campo semântico modal e tratamento construcional para *pode ser*

Analisa-se *pode ser*, tal como nas ocorrências apresentadas na seção introdutória, repetidas, por conveniência, em (8)-(11).

8. [...] *pro exterior **pode ser** que eu não tenha tido ainda condição financeira de ir para fora*
9. – *Você está querendo provar que Deus é justo. / O estrangeiro pensou um pouco. / – **Pode ser.***
10. – *Então me dê uma cachaça, acrescentei como náufrago. O mulato apanhou a garrafa, estendeu-se um copo embaçado: / – Dupla? / – **Pode ser.***
11. – *Mas eu faço questão que o Rangel também venha. **Pode ser?...***

Dois padrões estruturais estão em exame, [pode ser que], predicado encaixador de proposição (como na ocorrência 8), e [pode ser], oração simples (como nas ocorrências 9 a 11). A análise de Carrascossi (2011) demonstra que são unidades simbólicas, convencionais, rotinizadas, frequentes. No *corpus* de língua escrita examinado por Carrascossi, 25% das ocorrências do modal *poder* estão com o verbo *ser* (não apenas nos usos examinados). A autora observa, ainda, que, em 91% dos casos em que o modal *poder* compõe predicado encaixador de proposição, há verbo *ser* (como (8)) e os restantes 9% dos casos ocorrem com outros verbos, tais como, *acontecer, suceder, parecer, dar-se* (como exemplifica 12). As possibilidades de flexão modo-temporal na construção impessoal *pode ser* são pouco frequentes e indicam rotinização no presente do indicativo (apenas 2% no presente do subjuntivo, como (13), 11% no pretérito imperfeito do indicativo, como (14), e 87% no presente do indicativo, como (8)-(11)). Ocorrências com material interveniente, como em (15), são encontradas em apenas 3% dos casos

de predicado encaixador de proposição, o que aponta integração dos componentes da perífrase. Entende-se, assim, que *pode ser* é um *chunking* (BYBEE, 2016), uma sequência bastante frequente, uma unidade de organização da memória, na língua portuguesa.

12. *Acontece que, impacientes, o tio ou a tia materna se apressam a transferir o nome, antes de a criança nascer e **pode suceder** que a menina fique com nome masculino e vice-versa.* (IA-T)

13. *Mas que inteligência! Homem! Aí é que eu admiro o estudo, nunca que eu ia pensar essas coisas assim tão bem pensado, o estudo é uma grande coisa, benza Deus. Ioiozinho quer que eu mande comida também? **Possa ser** que dê fome em ioiozinho, essas coisas assim...* (VPB-R)

14. *O garoto olhava, surpreso. Não devia estar entendendo nada, e mesmo assim Elias sentia necessidade de continuar a conversa. **Podia ser** que – quando crescesse – uma daquelas palavras pudesse ajudá-lo numa situação difícil.* (OMC-R)

15. ***Pode até ser** que se cruzem, eventualmente, as relações tradicionais e as hjelmslevianas* (SUC-T)

Em relação a alterações semânticas em *pode ser*, note-se que, conforme discussão das seções anteriores, os trajetos propostos são condizentes com modelos que prevejam a expansão de valores subjetivos para intersubjetivos. Essa direção para *pode ser*, sintetizada em (5), contraria hipóteses de desenvolvimento que privilegiam a dimensão não epistêmico/epistêmico. Por isso, como argumentado na seção 2, o modelo de Narrog (2012) parece oferecer o aparato mais adequado para exame da sequência *pode ser*, nos dois padrões em estudo. A figura 3 é uma proposta analítica de *pode ser* no modelo de Narrog (2012).

Figura 3. *Pode ser* no campo modal de Narrog (2012)



Fonte: Elaboração própria

Conforme mostra a figura 3, há dois valores modais, um não volitivo (possibilidade epistêmica) (como nas ocorrências 8-9) e outro volitivo (permissão/consentimento) (como nas ocorrências 10-11). Esses valores se apresentam em diferentes posições do eixo orientação, tal como indica a figura. A possibilidade epistêmica pode estar mais ligada à orientação para o falante ou mais ligada à orientação para o ato de fala, por isso, está localizada, na figura, entre esses espaços. Em usos de permissão consentida/pedido de permissão, como demonstram os dados, *pode ser* está fortemente ligado aos atos de fala, a estratégias pragmáticas de gerenciamento discursivo, por isso, está localizado mais próximo à orientação dos atos de fala. A figura tem, ainda, uma dimensão diacrônica e se preveem que os usos orientados para o ato de fala [*pode ser*] sejam posteriores aos orientados para o falante [*pode ser (que X)*].

Importa analisar a integração desse mapeamento a uma abordagem construcional. De acordo com Traugott (2016), para combinar mapeamentos semânticos modais a uma orientação construcional, é necessário reconceitualizar esses espaços mentais/ mapeamentos, de modo a ligá-los ao nível microconstrucional, relacionado, por sua vez, ao nível macro dos esquemas.

Em termos de níveis de generalidade/especificidade dos padrões construcionais estudados, propõem-se dois subesquemas, ligados a um esquema mais amplo, e sancionadores de diferentes microconstruções. O quadro 3 ilustra a hierarquia construcional.

Quadro 3. Relações hierárquicas

ESQUEMA	SUBESQUEMAS	MICROCONSTRUÇÕES
[V1 + V2 (X)] _{MODAL}	[poder _{impessoal} + V2 que (X)] _{modal}	[PODE SER QUE _{predicado encaixador de proposição} + oração não finita] ↔ [epistêmico, talvez, não volitivo]
	[poder _{impessoal} + V2] _{modal}	[PODE SER oração simples, independente] ↔ [epistêmico, talvez, não volitivo] [PODE SER oração simples, independente] ↔ [deôntico, permissão consentida, volitivo] [PODE SER oração simples, independente, interrogativa] ↔ [<i>hedge</i> , deôntico, pedido de permissão, volitivo]

Fonte: Elaboração própria

Essa representação, por questão de espaço, não é exaustiva. Outros subesquemas e microconstruções modalizadores poderiam estar representados. O esquema mais amplo está ligado ao espaço conceitual da modalidade expressa por verbos, na língua portuguesa. São construtos das microconstruções representadas as ocorrências 8 a 11, já apresentadas.

Seguindo a proposta de Traugott (2016), é no nível microconstrucional que um mapeamento semântico da modalidade, como o de Narrog (2012), pode se alinhar. E o campo modal representado pela figura 3 se alinha às microconstruções representadas no quadro. Pressupõe-se que o subesquema [poder_{imp.} + V2 que (X)] é anterior a [poder_{imp.} + V2], na trajetória da língua, e o surgimento das microconstruções ligadas a este subesquema é resultado de novas mudanças construcionais. As microconstruções relativas à expressão de posicionamento epistêmico do falante sancionam aquelas com função intersubjetiva, que atuam como estratégias convencionalizadas de polidez, de gerenciamento das relações interativas.

Dados históricos de *pode ser*

A análise de *pode ser*, nos dados históricos do *Corpus do Português*, buscou verificar a ordem de surgimento das microconstruções, nos textos históricos, a fim de encontrar apoio para a hipótese de desenvolvimento de *pode ser*.

Como predicado encaixador de proposição, *pode ser que* com valor epistêmico, foi localizado em todas as sincronias examinadas. As ocorrências (16) e (17) são exemplos dos séculos XIV e XVI.

16. *Este rey Tulgas foy homen muy mäsö e muy böö cristão emto dos seus feytos. Mas viveo pouco tempo. E **pode seer que** esto foy por os pecados do poboo, ca muytas vezes acontece que Deus tira os böös do meo dos maaos e esto por que os maaos nõ son merecedores da cõversaçon dos böös e poren hũs maaos con outros maaos perecen todos.* (CP, século XIV)
17. *Jesu como m'amofina. Joane Já tu aqui és Catalina com tua destempara. Caterina Si ora vai-te aramá di. Joane Alguém t'a ti empipina. Caterina Quem m'há mim d'empipinar? Joane **Pode ser que** alguém t'engane. Caterina Digo que te vás Joane que nam te quero escutar.* (CP, século XVI)

Foi possível identificar *pode ser*, oração simples e valor epistêmico, já nos dados do século XVI. As ocorrências mais remotas ocorrem como um parentético epistêmico, demarcado por parênteses ou vírgulas, nos textos escritos, como demonstram as ocorrências em (18) e (19).

18. *Donde, parece, se lhes pegou ou lhes procedeu também a eles a brandura e humanidade que os nossos dantes por isso (**pode ser**) lhe não achavam, porque lha não mostravam.* (CP, século XVI)
19. *Ora, senhor, eu já estive melhor que agora com essa vida montês e campesinha. Era, **pode ser**, quando menos a havia experimentado. Bem haja a cidade, donde vemos de tudo, que lá não lemos.* (CP, século XVII)

Como um modalizador ligado à conversação, com escopo sobre o conteúdo do interlocutor, localizaram-se ocorrências de *pode ser* apenas nos textos do século XIX e XX. A ocorrência (20) é um trecho de um diálogo de romance escrito e *pode ser* é resposta de um personagem ao enunciado do interlocutor.

20. *Desengane-se, meu tio, o futuro de sua família está indissolivelmente ligado a Berta. – **Pode ser.** – Está, digo-lhe eu, que bem conheço Jorge.* (CP, século XIX)

Como estratégia de intersubjetividade, uma *tag question* que marca polidez, localizaram-se ocorrências apenas mais tardiamente, nos dados do século XIX, como exemplifica (21):

21. *- Lá o meu homem quer do seu café e torceu nariz ao de casa. Manda pedir-lhe que lhe faça uma xícara. **Pode ser?** perguntou a portuguesa à baiana. - Não custa nada! respondeu esta. Com poucas está lá!* (CP, século XIX)

Nos textos do século XX, identificaram-se todas as microconstruções já atestadas nos materiais do português contemporâneo examinados em Carrascossi (2011). A fim de sintetizar as informações diacrônicas, apresenta-se o quadro seguinte que demonstra as microconstruções localizadas nos textos do *Corpus do Português*, ao longo dos séculos.

Quadro 3. Microconstruções em dados de diferentes sincronias

	Séculos							
	XII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Pode ser que [epistêmico ↔ predicado encaixador de proposição]	X	X	x	x	x	x	x	x
Pode ser [epistêmico ↔ oração simples]				x	x	x	x	x
Pode ser [permissão consentida ↔ oração simples]								x
Pode ser [pedido de permissão; <i>hedge</i> ↔ oração simples, questão]							x	x

Fonte: Elaboração própria

A análise dos textos históricos não envolveu controle de frequência, nem diferentes parâmetros que importam para investigar a emergência e a convencionalização de construções. Como já observado, o interesse foi identificar as microconstruções em linha cronológica, em busca de apoio para a hipótese de mudança em direção a usos mais intersubjetivos.

O quadro revela que o desenvolvimento em termos de (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010), que se adéqua ao modelo de campo modal de Narrog (2012), é confirmado. Os usos como oração simples, com valor de pedido de permissão/permissão consentida, nos textos examinados, são cronologicamente posteriores aos epistêmicos, predicado encaixador de proposição. Nesse percurso, notam-se alterações de traços estruturais e semântico-pragmáticos da estrutura fonte que caracterizam perda de composicionalidade. Como ilustram (9)-(11), pode ser não encaixa conteúdo proposicional, e pode perder o valor de avaliação epistêmica. Há, ainda, aumento de esquematicidade e de produtividade da construção.

Embora esses resultados venham ao encontro da hipótese apresentada, não dispensam a continuidade da investigação diacrônica, com controle de frequências e de parâmetros de análise e ampliação do exame. Há de se considerarem as limitações da abrangência dos dados disponíveis para estudos diacrônicos. Os textos de sincronias passadas do CP são de língua escrita e, predominantemente, provenientes de situações mais formais, com maior distanciamento entre interlocutores, o que pode explicar a localização de usos intersubjetivos, próprios da interação comunicativa, apenas a partir dos dados do século XIX e, principalmente, nos dados do século XX compostos por língua falada também.

Por último, não se pode desconsiderar, ainda, que as ocorrências como oração independente, como se nota pelo quadro, são antigas na língua. Merece atenção, também, o fato de que, nos textos examinados, o uso como uma *tag question* foi identificado em século anterior àquele em que se localizou o uso como permissão consentida, o que contraria o trajeto hipotetizado. Além disso, deve ser observado que o tamanho da amostra dos séculos XII-XVII é bem inferior às amostras dos séculos XIX e XX⁷. Portanto, na continuação da investigação, essas questões serão estudadas.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se investigar mudanças em uma construção modal, integrando-se mapeamentos semânticos da modalidade a uma perspectiva construcional. Seguindo Traugott (2016), assumiu-se que a integração de mapeamentos semânticos a uma abordagem construcional pode ser útil para capturar as relações polissêmicas entre as construções. Revisitaram-se as análises de Carrascossi (2011) sobre *pode ser*, tomado como estudo de caso.

7 Os dados entre os séculos XV e XVIII possuem, juntos, em torno de 3,5000,000 palavras, enquanto a amostra do século XIX possui 10,000,000 e a do século XX em torno de 20,000,000.

Diferentes mapas modais foram discutidos, com atenção à construção *pode ser*. A partir disso, observou-se que o campo modal de Narrog (2012), que não se pauta pela dimensão deôntico-epistêmico, é compatível com os desenvolvimentos hipotetizados para *pode ser* em termos de intersubjetividade. As análises revelam que o modelo de Narrog (2012) é compatível com um exame construcional da mudança.

Buscaram-se, por fim, dados diacrônicos que viessem ao encontro da hipótese de mudança para *pode ser*. Nessa investigação, identificaram-se as microconstruções em ordem cronológica, nos textos históricos. Os resultados desse exame confirmam que, como oração independente, *pode ser* é posterior aos usos como predicado encaixador de proposição, localizado em todas as sincronias estudadas. Entretanto, há, sempre as limitações da pesquisa diacrônica com relação à representatividade dos textos disponíveis. Os usos considerados mais intersubjetivos são próprios do gerenciamento conversacional que não está representado pelos materiais mais remotos disponíveis. Registra-se, além disso, a necessidade de continuação da investigação diacrônica, para que sejam possíveis mais achados sobre a construção *pode ser*.

Agradecimentos

Aos pareceristas anônimos cujas sugestões contribuíram para o aperfeiçoamento da versão final do texto.

REFERÊNCIAS

AUWERA, J. V.; PLUNGIAN, V. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, Mouton de Gruyter, v. 2, p. 79-124, 1998.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness*. Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução A. F. Cunha e S. C. L. Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

BYBEE, J. L.; PERKINS, R. D.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar. Tense, Aspect and Modality in the Language of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CARRASCOSSI, C. N. S. *Gramaticalização e (inter)subjetivização na modalização em português: um estudo de pode ser*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. v. 2, p. 1021-1084.

HATTNER, M. M. D.; HENGEVELD, K. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. 2016. *Journal of Portuguese Linguistics*. 15, p. 1-14.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 13-38.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). *Morphology. A handbook on Inflection and Word Formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. v. 2, p. 1190-1201.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

HILPERT, M. Change in modal meanings: Another look at the shifting collocates of may. *Constructions and Frames*, 8:1, 2016.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 301-358.

NARROG, H. *Modality, subjectivity, and semantic change*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SWEETSER, E. E. Modality. In: SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: University Press, 1990.

TALMY, L. Force-dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, v. 12, p. 49-100, 1988.

TRAUGOTT, E. C. Do semantic modal maps have a role in a constructionalization approach to modals? *Constructions and Frames*, 8:1, 2016.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. (Topics in English Linguistics, 66). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução T. P. Oliveira e A. F. Cunha. Vozes: Petrópolis, 2021 [2013]. (Coleção Linguística)

WÄRNSBY, A. On the Adequacy of constructionist approach to modality. *Constructions and Frames*, 8:1, 2016.

ZIEGLER, D. The grammaticalization of modality. In: NARROG, H. ; HEINE, B. (ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 595-604.